

Bracher espera prorrogação de créditos

Nova Iorque — O governo brasileiro aspira obter não penas a prorrogação das linhas de créditos interbancários, mas também juros mais baixos nos processos de refinanciamento disse ontem Fernão Bracher, presidente do Banco Central do Brasil.

Após uma reunião com um comitê de bancos Bracher disse aos jornalistas que sua meta nas conversações, que vão prosseguir hoje, "é conseguir um prazo adicional para negociar e estudar as propostas que serão permutadas".

Um dos pontos principais em pauta, segundo fontes bancárias, é a dívida de 455 milhões de dólares que três bancos brasileiros deixaram de saldar com bancos internacionais. Os três bancos, Comind, Auxiliär e Maisonave, sofreram intervenção do Banco Central, que ago-

ra se encarrega do processo de liquidar seus bens e pagar os credores.

O governo do Brasil se propôs pagar a metade dos 455 milhões de dólares aos bancos internacionais, mas isso não satisfaz os credores, segundo se informou nos meios financeiros de Nova Iorque.

Bracher, interrogado a respeito, respondeu: "Estamos realizando esforços e investigando os bens desses bancos. Seus ex-proprietários estão colaborando, mas também querem proteger os interesses dos credores brasileiros. Estamos procedendo à liquidação dos bens e pode haver uma surpresa quanto ao montante a pagar".

A pergunta sobre se o pagamento poderia chegar a 100 por cento. Bracher respondeu: "Buscamos o máximo possível.

Mas não diria que vamos chegar a 100 por cento".

O governo brasileiro tem uma linha de créditos interbancários de 16 bilhões de dólares que vence hoje, tendo Bracher declarado que se espera uma prorrogação desse crédito. Ele não quis mencionar prazos, embora se comentasse que os brasileiros falam de um ano, ao passo que o comitê de bancos poderia recomendar três meses enquanto prosseguirem as negociações.

Bracher respondeu afirmativamente quando lhe perguntaram se o governo do Brasil pretendia pedir uma redução das taxas de juros. "Sim, pediremos spreads (comissão acima das taxas básicas de juros) mais baixas". Comentou porém que da presente série de conversações nada se espera de decisivo, salvo a eventual prorrogação dos créditos bancários.